



VENHA A DAMIETTA

Nagahuta

1

2005

A referência a Damietta, no título da mensagem, resume o espírito do encontro de Nagahuta e o dever de encarnar no mundo de hoje a experiência que Francisco viveu no seu encontro com o Sultão, propondo a nossa fraternidade minoritária como uma alternativa evangélica ao sectarismo fundamentalista para a construção de um mundo reconciliado e re-pacificado.

Com os três encontros internacionais, a Ordem desencadeou uma profunda e atualizada reflexão sobre três temas dentre os mais palpitantes no mundo de hoje: o pluriétnico, o diálogo inter-religioso e a justiça econômica. Apoiar-se aos construtores de paz com a originalidade da nossa espiritualidade evangélica e franciscana ancorada sobre ricas e variadas experiências que muitos irmãos já vivem em todas as regiões do mundo, eis o objetivo dos encontros internacionais desenvolvidos nos últimos três anos.

O caminho, portanto, parece ser bem delineado, mas o percurso requer sabedoria, aprofundamento e, em última análise, conversão da mente e do coração para transformar o mundo em uma harmônica convivência das diferenças. É o compromisso de cada irmão e de cada circunscrição

Fr. Tewelde Beyene

Serviço Internacional Justiça, Paz e Ecologia

Caros irmãos

Entre os encontros internacionais organizados pelo Serviço de Justiça, Paz e Ecologia em Adis-Abeba (2004) e Porto Alegre (2006) encontra-se o que se realizou em Nagahuta (Indonésia) de 14 a 19 de fevereiro 2005, com o tema “Construtores de Paz através do diálogo inter-religioso”. O encontro terminou com uma mensagem dirigida a todos os frades da Ordem. Por motivos de caráter técnico o documento ainda não foi publicado. Devido à atualidade do tema e à clareza da resposta franciscano-capuchinha articulada em Nagahuta, consideramos oportuno publicar o texto antes da conclusão do presente sexênio.

VENHA A DAMIETTA

Nagahuta

2

2005



Caros irmãos: Paz e bem de Nagahuta!

(Pematangsiantar - Sumatra Norte, Indonésia)

Em Damietta o nosso irmão Francisco encontrou o sultão. Este evento tornou-se, em nossos dias, um importante símbolo do diálogo inter-religioso no mundo. Em Nagahuta (Indonésia), nós, irmãos de vocês, de todas as conferências da nossa Ordem, nos encontramos para discernir como adaptar aquele momento histórico à nossa realidade quotidiana atual e seguir o seu exemplo e exortação.

Escolhemos encontrar-nos na Ásia porque é a região do mundo mais diferenciada no setor religioso e também porque ali o cristianismo é religião minoritária (é uma das suas religiões de minoria). De 14 a 19 de fevereiro 2005 a província de Medan ofereceu-nos fraterna hospitalidade e nós desenvolvemos o tema “Operadores de paz no diálogo inter-religioso”. Com esta carta nós convidamos os irmãos em ajudar a sanar as divisões em nosso mundo a exemplo do que Francisco tentou fazer em 1219.

Nas palestras e discussões ouvimos com alegria que muitos irmãos se empenham com zelo em obras de reconciliação, constroem pontes e estimulam o diálogo entre membros de várias religiões. Abriram centros de diálogo e de oração inter-religiosos, promoveram atividades sociais e obras de caridade para pessoas de todas as crenças.

Por outro lado ficamos muito entristecidos com atuais referências de abuso dos direitos humanos manifestados por apedrejamentos, fustigações, destruição de casas, prisão sem processo e até execuções, tudo em consequência de um comportamento fundamentalista em crescimento. Igrejas cristãs foram destruídas, seus missionários queimados vivos, irmãs violentadas, sacerdotes obrigados a fazer caminhadas nus, torturados, feridos à morte e até decapitados. Ao longo do nosso encontro temos escutado testemunhos de tais provas a irmãos da Nigéria, Eritreia e Índia.

Aprendemos que o fundamentalismo extremo é um fenômeno que tem grandes estruturas políticas, culturais e religiosas. Caracteriza-se pela intolerância agressiva e o mau uso da religião como instrumento de controle. Suas causas são complexas. Opressão política e exploração religiosa, disparidade econômica crescente e alguns aspectos da globalização. “Deus está do nosso lado” é o slogan dos fundamentalistas, cujo número está crescendo rapidamente em muitas partes do mundo, um fenômeno que se nutre reciprocamente da ignorância e da suspeita. Tais fundamentalistas ameaçam a paz e a harmonia da sociedade. Ao longo dos séculos apresentaram-se sob formas religiosas indu, hebraicas, cristãs, islâmicas, budistas e de outras religiões, como também em várias ideologias seculares.

Considerando que a situação política é diferente em cada país, foi-nos pedido para não generalizar as relações entre pessoas de diferentes religiões. Notamos, no entanto que, em alguns países a constituição pode garantir a liberdade de religião, mas na verdade esta liberdade é freqüentemente limitada. A história demonstra que extremistas usaram a religião para seus interesses políticos e econômicos. E os cristãos não foram excluídos desta crítica.

A nossa responsabilidade como cristãos e seguidores de São Francisco

Acreditamos que os cristãos católicos têm um papel de primeira ordem a jogar no diálogo inter-religioso. O exemplo de Jesus demonstra a sua abertura aos estrangeiros. Ele curou a senhora siro-fenícia, indicou o “herético” bom samaritano como modelo de caridade, e louvou a fé do centurião romano. Jesus reprovou os apóstolos quando se lamentaram, após a primeira viagem missionária, porque “um que não era do grupo” estava expulsando demônios. De fato poder-se-ia dizer que Jesus saiu do seu caminho para abraçar os que não pertenciam ao seu rebanho.

O Vaticano II nos exorta a cultivar “estima e amor a todos os crentes de outras religiões, a participar da vida cultural e social deles com troca de iniciativas de vida e a familiarizar-se com as tradições nacionais e religiosas deles” (*Ad Gentes* n. 11).

O papa Paulo VI, na exortação apostólica *Ecclesiam Suam*, declarou solenemente que “o diálogo é uma nova maneira de ser Igreja” (n.63). Em anos recentes o papa João Paulo II ilustrou uma teologia da comunhão na qual descreve a Trindade como modo de todas as relações. Nós existimos para nos amarmos uns aos outros como o Pai, o Filho e o Espírito Santo se amam. Em 1986 e novamente em 2001, o papa convidou os chefes religiosos do mundo para rezarem juntos em Assis. Isto deveria inspirar-nos todos a nos dedicarmos mais intensamente neste apostolado.

Mais claro ainda é que o exemplo de São Francisco requer que os seus frades sejam competentes no ministério da reconciliação e da paz. Quando Francisco encontrou o Sultão como um “irmão” estabeleceu com ele um “diálogo de vida”. O Sultão viu o pequeno pobre homem de Assis como um homem de fé e Francisco viu o Sultão da mesma maneira.

Uma vez que fomos criados à imagem de Deus Trindade, sem as relações somos incompletos. Frei Francisco era consciente disto. Por isto, para um capuchinho, cada ser humano é um irmão ou uma irmã. De fato nós nos chamamos “irmãos” exatamente para recordar-nos o modo de relações recíprocas com cada ser humano, independentemente da religião de cada um. A lenda do lobo de Gúbio é um modelo de fraternidade cósmica. Ensina-nos a potencialidade das relações fraternas e nos mostra como podemos relacionar-nos com os extremistas. Na lenda, Francisco trata o lobo como um “irmão” mas o faz saber que suas ações causaram alarme e medo entre as pessoas. Depois ele coloca a população em face aos próprios pecados de injustiça e pede que acolha o lobo em paz.

Sugestões para tornar-se operadores de paz

O mútuo respeito e a acolhida são fundados sobre a convicção de que Deus se revela e opera na vida das pessoas de todos os credos e religiões. Constatamos que nunca poderemos extinguir um comportamento fundamentalista. Mesmo assim apresentamos pistas para ajudar-nos a edificar um mundo mais justo e pacífico.

Pistas concretas

1. Nossa credibilidade aumentará se aprendemos a servir os povos na condição de menores (VII CPO). Isto nos ajuda a acolher como nossa a cultura de uma região e a compreender os sentimentos e os sofrimentos das pessoas. Assim fazendo, nos identificaremos com elas e esquivamos a etiqueta freqüentemente negativa de “estrangeiros”.
2. Em lugar de colocar em foco os defeitos dos outros, devemos prestar atenção e falar positivamente dos valores culturais, humanos e teológicos que as outras religiões oferecem ao mundo. Dando fé a isto superaremos os nossos medos e podemos dar forma a modos concretos de conviver e de procurar a verdade e a bondade em cada religião.
3. O exemplo de São Francisco que se dirigiu ao Sultão nos encoraja a tomar iniciativas e a cooperar em atividades comuns de caráter social, espiritual, cultural, ecológico e pela paz. À luz disto poderemos dedicar-nos de modo mais pleno no “diálogo da vida”, procurando maneiras para tomar parte nas celebrações e festas conjuntas oferecendo o que está à nossa disposição.

Pistas formativas

1. *Nostra Aetate* pede para “reconhecer, preservar e promover os bens espirituais e morais existentes em outras religiões” (n.2). Insistimos para que em todos os programas de formação da Ordem sejam incluídos cursos de estudo dos valores das várias religiões e filosofias, de tal modo que todos os frades possam ter as competências necessárias para serem bons mediadores no diálogo inter-religioso. Deste modo podem ser superados o medo, a suspeita e a ignorância. Nossas bibliotecas deveriam incluir os livros sagrados das outras religiões e livros sobre estes temas.
2. Alguns dos nossos irmãos deveriam ser encorajados a estudarem uma teologia franciscana da comunhão de modo a se tornarem especialistas no diálogo com as várias religiões e conhecer melhor os dons de cada uma.



Pistas espirituais

1. Freqüentes vezes Francisco foi denominado uma “oração vivente”. Uma vez que possuímos este valor em comunhão com todas as comunidades religiosas, devemos dedicar-nos inteiramente em nos tornar “discípulos e mestres de oração” por meio de uma intensa meditação comum ou o auxílio de exercícios espirituais e pregando o valor e a importância da contemplação e do diálogo.
2. Como frades menores devemos ser “simples e sujeitos a todos”. Isto requer:
 - a. conversão pessoal,
 - b. admitir o nosso pecado pessoal e o da Igreja e
 - c. a vontade de arrepender-se e de pedir perdão, segundo o exemplo de João Paulo II.

3. Empenhamo-nos a nunca e em nenhuma circunstância usar a violência de qualquer tipo como meio para demonstrar a nossa posição correta, seguindo nisto o exemplo de Jesus Cristo (cf. Mt 5, 38-42). Tolerância e amor heróico nos foram oferecidos exemplarmente por: Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Oscar Romero, Dietrich Bonhoeffer e inumeráveis outros que deram a própria vida ao invés de levantarem a espada.

Pistas fraternas

1. O VII CPO n. 42 recorda que “as nossas fraternidades devem ser focos de paz e de reconciliação em nossos países”. À luz disto poderemos abrir as portas da fraternidade e da paróquia aos nossos irmãos não católicos para a oração e o diálogo regular. As pessoas deveriam ver como nos relacionamos uns com os outros (como nós encarnamos a teologia da comunhão) e serem inspiradas pelo nosso exemplo.

2. O VII CPO n. 51 nos pede também para “assistir e apoiar os freis que prestam serviço em regiões onde o fundamentalismo religioso está crescendo rapidamente”. A este propósito é importante valer-se da competência da Franciscan International www.franciscansinternational.org a fim de apresentar lealmente tais situações às Nações Unidas e pedir a aplicação dos direitos humanos fundamentais.

3. Se somos sinceramente irmãos menores prevenimos as necessidades de todos, desenvolvemos um alto grau de cortesia, respeitando as opiniões e crenças dos outros. Isto é conforme ao VII CPO n. 47 que promove uma evangelização que nos mostra a via: “Quando andamos entre aqueles que não partilham a nossa fé, somos chamados em primeiro lugar a testemunhar Jesus Cristo com nossa vida e, em segundo lugar, conforme a recomendação de São Francisco, dialogar com os outros sem fazer proselitismo ou desprezar ou interpretar mal a fé dos outros. Conseqüentemente, desejamos viver entre os pobres, sem distinção de religião, dialogar com as culturas, as religiões e inculturar o evangelho”

4. Somos chamados a viver entre os povos como irmãos, oferecendo o testemunho de nossa vida sob a ação do Espírito Santo, prontos a evangelizar (Regra não bulada 10)

5. A riqueza não cria a paz. O desenvolvimento de uma “economia fraterna” tem por objetivo principal a unidade entre as pessoas, as comunidades e as nações. Para realizar isto é necessário encontrar modos criativos para usar os nossos recursos econômicos locais, provinciais e internacionais a fim de unir, ao invés de dividir aqueles que possuem daqueles que não possuem, criando desta maneira uma comunhão com e entre os pobres.

Conclusão

Existe uma grande sabedoria no coração de cada religião e tradição espiritual. O objetivo de todo o diálogo é “unificar sob o mesmo Espírito todos os seres humanos de todas as nações, raças e culturas... para edificar o mundo numa autêntica paz” (*Gaudium et spes*, 92).



Juntar pessoas de todos os níveis da sociedade, da ciência e da espiritualidade em discussões profundas poderia ajudar a reconciliar pessoas de diferentes ideologias. Àqueles que afirmam ser isto é impossível, recordamos o caso do fim da segregação na África do Sul. Após séculos de amargo sofrimento e de muito derramamento de sangue, foi desenvolvido um processo de paz que pela primeira vez colocou lado a lado as duas partes hostis. Se isto aconteceu lá, pode acontecer em toda a parte!

Irmãos, ao abordar a questão do comportamento fundamentalista no mundo atual, a humanidade tem uma responsabilidade enorme e nós capuchinhos, com o nosso carisma de fraternidade, minoridade e contemplação, podemos realizar uma parte significativa.

Desejamos recordar-lhes o que João Paulo II disse aos chefes religiosos na jornada mundial de oração pela paz, em Assis, em 1986: “Vemos aqui uma antecipação daquilo que Deus deseja que seja o desenvolvimento da história da humanidade: uma peregrinação fraterna na qual nos acompanhamos mutuamente em direção à meta transcendente que ele colocou para nós”.

Paz e Bem!

Os irmãos da Conferência de Nagahuta

Nagahuta, 29 de fevereiro de 2005.